

## **CORPO, CLASSE SOCIAL E GÊNERO FEMININO: (DES)NATURALIZANDO LINGUAGENS E MARCAS DO UNIVERSO ESCOLAR**

Aline da Silva Nicolino

### **RESUMO**

Novas atribuições aos códigos corporais na atualidade, que veiculam juventude e saúde ao corpo magro e rígido, sustentam um protótipo feminino esquelético como padrão estético. Tal discurso hegemônico nos levaram a traçar os seguintes objetivos: levantar e identificar com as alunas, o significado dado por elas ao seu corpo e seus conflitos, no que tange feminilidade e poder aquisitivo. Identificar e trabalhar conjuntamente com gestores e professores, por meio de oficinas de formação, as temáticas corpo, gênero e classe social. Como método utilizaremos o tipo pesquisa-ação, com abordagem qualitativa, nos valendo de técnicas como observação participante, questionário e oficinas.

Palavras-chave: Corpo. Gênero feminino. Classe Social.

### **ABSTRACT**

New attributions to the current corporal codes, articulation youth and health to the lean and rigid body, they support an esquelético feminine archetype as aesthetic standard. Such hegemonic speech they had taken in them to trace the following objectives: to raise and to identify with the students, the meaning given by them to its body and its conflicts, in what it refers to feminilidade and purchasing power. To jointly identify and to work with managers and professors, by means of formation workshops, thematic the body, gender and social class. As method we will use the type research-action, with qualitative boarding, in being valid techniques as participant comment, questionnaire and workshops.

Keywords: Body. Female Gender. Social Class.

### **RESUMEN**

Nuevas atribuciones a los códigos corporales de la actualidad, que relaciona juventud y salud al cuerpo joven y rígido, manten un prototipo femenino esquelético como patrón estético. Este discurso hegemónico nos llevó a señalar los siguientes objetivos: levantar e identificar con los estudiantes, el sentido dado por ellos a sus cuerpos y sus conflictos, en términos de poder adquisitivo y la feminidad. Identificar y trabajar con los administradores y maestros, a través de talleres de formación, cuestiones del cuerpo, género y clase social. Cómo procedimiento metodológico fue escogido la investigación-acción, con un enfoque cualitativo, basado en técnicas como la observación participante, cuestionarios y talleres.

Palabra-clave: Cuerpo. Género Femenino. Clase social.

A aparência corporal, atualmente, tem sido muito valorizada na sociedade e nos meios de comunicação em geral, repercutindo de forma considerável na vida das pessoas, principalmente das mulheres. Se, por um lado, isso traz implicações à saúde, em detrimento de uma série de intervenções (dietas, cirurgias plásticas, aplicações de silicone, *botox* etc.) por outro lado, observa-se que, em questão de gênero, na maioria das vezes, o contingente feminino sofre maior pressão no que tange à valorização corporal, conseqüentemente, tendendo a dar maior atenção ao seu corpo. Todavia, isso tem provocado severos questionamentos sobre a manutenção de um corpo visualmente dentro dos padrões estéticos e que repercute também nos hábitos, valores, na sensualidade, na escolha, entre outros, levando à reflexão de como esse corpo é visto, sentido e representado.

O belo está sempre relacionado à juventude, ao corpo novo e rígido, sem cicatrizes, sem marcas, manchas e gorduras extras. O disciplinamento e cuidado diário pode ser mencionado como exemplo de policiamento constante, aliado a sensação de culpa e responsabilidade por adquirir massa gorda. Grande parte das mulheres se tortura por não ter um corpo esculpido em formas rígidas e delineadas, o que, muitas vezes, só é alcançado sob evasivas formas de intervenção; por não ter cabelos lisos, escovados (obtidos por meio de chapinha japonesa e escova progressiva), bem como uso de saltos, no intuito de expandir a feminilidade e despertar a sedução. Em outras palavras, tal rearranjo que se faz com o próprio corpo pode indicar a busca de uma nova identidade, muito próxima da vendida nos meios de comunicação, como forma de obter um reconhecimento social.

A magreza como forma de violência e fonte de sacrifício para o corpo também vem sendo estudada. Pesquisas revelam que a fixação por um modelo ideal de mulher, já é considerado um problema, pois pode aumentar a probabilidade dessa ser transferida em baixa da auto-estima, em distúrbio dismórfico corporal, distúrbios alimentares (FIATES; SALLES, 2001), bulimia e anorexia, até mesmo depressão e, em casos extremos, levar à morte (RIBEIRO; SANTOS; DOS SANTOS, 1998), tal como já vêm ocorrendo com certa freqüência, em nossa sociedade (GIDDENS, 1995; MIÑANO, 2005; SOARES, 2001).

A idealização por um padrão de beleza magro, mas, ao mesmo tempo esculpido em músculos sutis, alta estatura, mamas fartas e cabelos longos e lisos, para muitas meninas torna-se sério agravante, já que esse ideal é muito distante da estrutura corporal da grande maioria das adolescentes. A reflexão de uma linguagem estética corporal parte de um conceito de beleza virtual e globalizado, representado em corpos de modelos quase esqueléticas, muitas com aspecto de desnutridas, sustentando um protótipo feminino inalcançável para a grande maioria das mulheres. Esse conceito de beleza virtual e globalizado não tem nada a ver com o corpo real e passa a ser representado com base no que é socialmente imposto. O corpo em si, denota uma linguagem de sedução, exercendo então, poder.

Tais códigos corporais, relacionado à aparência física, nos remete a novos questionamentos ou à busca de novos paradigmas, como a compreensão da dinâmica social a que estamos inseridos, as exigências atribuídas a feminilidade, as veiculações de imagens corporais que os meios de comunicação transmitem diariamente, o distanciamento dos atributos físicos atrelados em qualidades morais, bem como a influência da população no envolvimento do processo de contemplação, reforço de modelos corporais e a vivência da sexualidade humana.

Sob disseminação de uma estética da magreza como padrão corporal hegemônico, Silva (2001, p. 4) descreve que tais preocupações com o corpo, “[...] em

especial, com as aparências, parecem caracterizar um novo indivíduo [...] com implicações importantes no seu projeto de vida e nas interações que estabelece em sociedade e com a Natureza”.

Para refletir sobre a hegemonia da estética da magreza, partimos do questionamento do porquê desta cobrança, em torno do gênero feminino, a um padrão de beleza. E, partindo desta inquietação, compreender as identidades de feminilidade e masculinidade cobrados/esperados em nossa sociedade, bem como as diferentes cobranças para cada gênero, considerando a categoria classe social como um importante elemento de análise na interface da comunicação corpo, gênero e poder.

A maior parte dos estudos referente a corpo, gênero feminino e cobranças estéticas centram seus esforços de análise para a população de médio e alto poder aquisitivo, pessoas que possuem poder de compra, conseqüentemente as primeiras a serem atingidas, ou melhor, “atacadas” midiaticamente pela cobrança e disciplinamento de um padrão de beleza ideal construído. Sobre esse apontamento, Bourdieu (1988) trás a idéia de estética para os pobres ser mais voltada para a funcionalidade, diferentemente dos conceitos e símbolos de consumo tidos como necessidades para a burguesia. Para o autor, devido a falta de acesso da classe popular eles acabam construindo outros ideais de vivência e sobrevivência. No trabalho de Nicolino (2007), realizado com jovens pobres, os dados revelam mensagens significativas sobre a alta valorização que elas atribuem a aparência física, sendo a beleza contextualizada por elas como importante instrumento para estabelecer vínculos sociais e possuir méritos e benefícios como pessoa. O argumento se fundamenta nas escolhas de suas vestimentas, no uso de apetrechos para valorizar seus cabelos, em pinturas para realçar olhos, boca e unhas, em atitudes como deixar de comer e fazer ginástica, além de demonstrar verbalmente em conversas. Tais mensagens revelam que mesmo em classes populares, que não têm a possibilidade de despende um alto investimento financeiro, nem por isso deixa de acompanhar as tendências da moda, consumir produtos e atribuir alto valor para a aparência física, almejando corpos torneados e sem marcas.

Para melhor compreender os códigos corporais construídos socialmente, trazemos o trabalho de Vázquez (1994), no sentido dessa mostrar aquisições que não são inatas, mas que dependem do desenvolvimento específico de cada cultura. Assim, a ordem social se infiltra, inconscientemente, através das manifestações vitais do corpo infantil, adquirindo força de lei. As diferenças de gênero são construídas pela assimilação dessa simbologia corporal, que adquire gestos, sensibilidades e modos de relacionar, estabelecidos dentro de cada sociedade para uns e outros. Segundo a autora, a socialização se dá de forma distinta para menina e para o menino, por meio da relação simbólica com a mãe, desde os primeiros meses de vida, os quais aprendem a sentir e a atuar segundo os códigos e modelos corporais do meio pertencente. Ela diz que a educação corporal não se diferencia somente em função do sexo, mas também da idade, classe social e entorno social.

Villela e Arilha (2003) evidenciam a influência cultural e histórica na constituição e interpretação do termo gênero e sua efetiva manifestação social, bem como a construção de conhecimentos, decorrentes de necessidades de uma determinada época. Segundo as autoras, as análises sobre o termo avançaram a partir de estudos feministas, buscando compreender comportamentos socialmente ditos femininos e masculinos, e como um está em relação ao outro. Portanto, gênero responde a algumas especificidades e demandas atreladas ao poder, construções simbólicas, valores construídos e controle social. Seguindo o mesmo raciocínio, Weeks (2001) também usa o termo gênero para descrever a diferenciação social entre homens e mulheres, historicamente enraizado,

partindo do pressuposto de gênero como relação de poder de domínio masculino, que define o que é necessário e desejável.

As representações da sexualidade e gênero podem se manifestar em diferentes contextos e sob diversas formas. As influências histórico-culturais não podem ser negligenciadas uma vez incorporadas e reestruturadas nos vários âmbitos: familiar, educativo, social, como mostram os estudos. Contudo, compartilhamos a idéia defendida por Ribeiro (2006) de analisar com mais cuidado tais temáticas, de forma a não generalizar, sempre concedendo à mulher uma figura passiva e submissa ao homem, mas sob a perspectiva que também identifica transformações, mobilidade e instabilidade nas relações, vislumbrando assim a mulher como agente pensante e transformador.

Isto nos leva a acreditar que conversar e estimular a reflexão sobre as diferenças físicas de cada um, mostrar os diversos atributos de beleza e valores existentes em outras culturas, contextualizar o corpo feminino na história e entender as marcas e as linguagens que atuaram sobre ele no decorrer dos tempos é um importante início de diálogo, no sentido de incentivar o conhecimento e respeito ao diferente, a discussão de sexualidade e a aceitação de si. Para isso, entendemos que o local e a forma de emissão de conhecimentos não podem ser desconsiderados dessa análise, sendo o âmbito educativo, espaço propício de diálogo e diversificação de conteúdos que ofereçam questionamentos do cotidiano do aluno, estimulando o raciocínio crítico e reflexivo.

Para formalizar a investigação sobre a interseccionalidade das temáticas levantadas, estabelecemos como objetos de análise os códigos corporais, gênero e estética, de forma a resgatar referenciais adequados a estas visões voltando-nos para alguns valores e concepções atribuídos ao corpo na atualidade, conceitos e identidades de feminilidade, bem como a relação desses elementos com a classe social, de forma a levantar, identificar, problematizar e refletir sobre as interligações presentes nessas abordagens. Neste estudo, o enfoque se direciona para o ambiente escolar, visando bairros pobres da grande região de Goiânia/GO, prendendo-nos aos gestores escolares (diretor, coordenador pedagógico e coordenador de turma), professores de Educação Física, Biologia e Português, por serem considerados figuras importantes no diálogo com escolares, ao que tange gênero e sexualidade (BRASIL, 1998), e alunas da última turma do Ciclo II, por ser nesta fase, que as meninas demandam maior atenção ao corpo, sensibilizando-se para amplas questões da sexualidade.

Com base nos pressupostos apresentados, reforçamos a necessidade de resgatar possibilidades de lidar com a educação corporal, em faixa etária precoce, tendo em vista a importância de uma cultura voltada para a conscientização crítica e transformadora, considerando os elementos básicos e essenciais para uma educação de respeito e equidade. Além disso, direcionar esforços que contribuam na capacitação da equipe escolar, visando trabalhar as demandas e necessidades das pessoas envolvidas no processo, é um importante instrumento para exercitar uma educação guiada por uma práxis transformadora, que possibilite, nas palavras de Gadotti (1998), um ensino mais criativo, ousado, crítico e reflexivo.

Diante disso, propomos, em um primeiro momento, levantar com as alunas do ciclo II, de escolas públicas localizadas na periferia de Goiânia, o significado que elas dão para o seu corpo e para a sua sexualidade, considerando suas vertentes, bem como os conflitos vivenciados no seu cotidiano no que tange sua feminilidade e poder aquisitivo. Levantados suas necessidades, inquietações e concepções sobre tais questões, propomos identificar e discutir, conjuntamente com os gestores e professores de cada escola, as temáticas referentes ao corpo, gênero, sexualidade e classe social, como um meio de intervenção educativa e preventiva, tendo como pressuposto a



promoção da consciência crítica, preparando-os para serem agentes multiplicadoras e de transformação. Como forma de enriquecer esse diálogo, consideramos importante identificar a percepção da direção e professores sobre as demandas e necessidades elucidadas pelas adolescentes, em tais questões, bem como suas concepções e estratégias teórico-metodológicas que utilizam em sua prática pedagógica. Para isso, reuniremos os dados coletados dos professores, de forma a identificar seu conhecimento sobre tais assuntos, o que eles consideram importante dialogar sobre tais temáticas e o que eles observam como sendo necessidades reconhecidas pelas alunas como relevante. O mesmo processo se dará com os gestores educacionais, que apresentarão informações sobre o que eles sabem sobre as abordagens em foco e o que eles consideram fundamental para ser trabalhado com os professores e as alunas. Em um segundo momento, tais dados serão apresentados, confrontados e discutidos, inicialmente com professores e gestores, no curso de formação que será oferecido por nós a cada escola, e depois divulgado e dialogado com as alunas em atividades realizadas pelos próprios educadores, em seus campos de atuação.

E no terceiro momento, todas as escolas participantes serão convidadas para um evento científico, de forma a apresentar e compartilhar experiências e dados de cada instituição, bem como ouvir e debater com profissionais especializados das áreas em foco, visando contribuir na discussão sobre corpo, gênero e classe social.

#### Referencial Teórico Metodológico

Explorando o conceito de método como um guia para a elaboração, consciente e organizada, dos diversos procedimentos que possibilitam a apreensão da realidade, no sentido de buscar a solução do problema (RUDIO, 1978), apontamos a pesquisa como sendo de natureza qualitativa, já que os objetivos propostos sugerem uma investigação preocupada com o aprofundamento e abrangência da compreensão do grupo analisado (MINAYO, 2004). Portanto, os procedimentos metodológicos se valem de estudos clássicos das Ciências Sociais que se dão por “[...] investigações e análises cuidadosas dos acontecimentos históricos, das sociedades humanas ou dos fatos sociais respectivos.” (ABRAMO, 1979, p. 24).

#### Tipo de Pesquisa e Técnicas

Este estudo é de abordagem pesquisa qualitativa, de cunho humanista, mediatizado pela pesquisa-ação, fundamentada em Thiollent (2004) e Freire (1980), por ser entendida como uma pesquisa de campo, que tem como objetivo promover mudanças de ordem psicossocial, além de proporcionar ampla e explícita interação entre pesquisadores e participantes.

Thiollent refere que a pesquisa-ação trata-se de método que consegue agregar várias técnicas para lidar com o problema levantado, sendo o meio, entre outros tipos de investigação nas ciências sociais e educacionais, que oferece melhor sustentação e que mais se aproxima das necessidades emergenciais da comunidade em estudo. Segundo o autor, toda pesquisa-ação tem que partir de uma necessidade de resolução de problemas, advinda de um determinado contexto social e que isso se dá através de ação coletiva, sendo os agentes os elementos mobilizadores dessa intervenção, ou seja, pesquisador e participantes envolvidos, em uma ação coletiva, participativa, construtiva, dialógica e

interventora, utilizando referenciais de Paulo Freire, citadas por Thiollent (2004), com fins de conscientização e transformação da realidade investigada, de forma a vivenciar o contexto a que pertence de maneira crítica, reflexiva e atuante.

Como técnicas de coleta de dados será utilizado a observação participante, com uso de um diário de campo, questionário, semi-estuturado com perguntas abertas e fechadas, e oficinas de formação, desenvolvidas e elaboradas a partir dos temas geradores, extraídos dos questionários e observações.

#### Características do Local e da População em Estudo

O universo pesquisado será composto de três instituições municipais, situadas na região da grande Goiânia/GO, na zona norte e oeste da cidade, que atende jovens residentes da periferia e favelas das cercanias. As escolas em foco reportam uma clientela de alunos com nível socioeconômico baixo. A população pesquisada será composta por escolares do gênero feminino cursando o último ano do ciclo II, com faixa etária entre 13 e 17 anos, estimando uma média de 180 alunas. Com relação aos professores, serão selecionados aqueles que ministram aulas no ciclo II para as turmas investigadas, assim professores de Educação Física, Biologia e Português, também irão compor a amostra do estudo. Referente aos gestores escolares, serão três participantes de cada escola, diretor, coordenador pedagógico e coordenador de turma, somando um total de nove participantes envolvidos.

#### Procedimentos e Instrumentos de Investigação

1) Questionário a ser distribuído para alunas analisadas, professores de Educação Física, Biologia e Português, e gestores escolares, diretor, coordenador pedagógico e coordenador de turma.

2) As informações coletadas serão categorizadas em gráficos e quadro, analisados qualitativamente por estatística descritiva, sendo depois cruzados entre si.

3) Os dados coletados serão apresentados, problematizados e discutidos com professores e gestores, em um primeiro momento que denominamos de curso de formação, e, posteriormente, sistematizados em forma de oficinas direcionadas para as alunas.

Optaremos nesta pesquisa por uma análise comparativa, relacionando as informações coletadas de gestores, professores e alunos. Os dados passarão, primeiramente, por sistematizações científicas, em que utilizaremos a análise de conteúdo, na tentativa de ultrapassar o alcance descritivo da mensagem, para atingir uma interpretação mais profunda (MINAYO, 2004), e depois serão apresentados a gestores e professores, momento que chamaremos de curso de formação. Neste mesmo evento, construiremos juntos com eles instrumentos para a realização de oficinas com as alunas, os quais eles ministrarão. Ao final, encerraremos a pesquisa oferecendo um evento científico, com profissionais capacitados para palestrar sobre as temáticas em voga, para todos os campos de estudo, de forma a compartilhar, discutir e refletir sobre as concepções do corpo no espaço escolar e suas possíveis ressignificações.

Esclarece-se que a discussão em torno das categorias de análises corpo, gênero e classe social compreenderá um processo linear dedicado a formular quadros de referência, questionar teorias, analisar discursos, relacionar informações, construir diagnósticos e codificar de modo lógico e histórico a realidade e a dinâmica em que se inscreve o corpo e gênero e as relações com a juventude e classe social no universo escolar, de forma a dialogar e refletir com os escolares, professores e gestores sobre tais temáticas.

## Recursos Humanos

Visando manter os preceitos éticos e o rigor científico, o presente estudo foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade Federal de Goiás/UFG, campus de Goiânia, com o número de protocolo 162/2008.

### A primazia da aparência corporal

Os movimentos decorrentes da contracultura na década de 70 e movimentos feministas rompem com o silêncio corporal e o corpo passa a ter um valor central até converter-se em valor fetiche. Vázquez (1994) recorda que a liberação da mulher colocou em marcha um novo movimento que insiste em fazer do corpo feminino um foco de sua personalidade. Em todos os domínios da vida social o corpo se transforma cada vez mais em objeto, sendo o centro das preocupações ideológicas e tecnológicas, seja por meio da produção, do consumo, do tempo de lazer, do espetáculo ou através da publicidade.

O desenvolvimento da cultura de consumo, aumentou não só a oferta de bens como também a de imagens e signos, que as pessoas buscam em ícones (juventude, boa forma, beleza, luxo, romance) para identificar um determinado estilo de vida, explica Featherstone (1996). Ele menciona que tais mensagens são vendidas e consumidas em todo o mundo, afirmando que a cultura segue o rastro da economia.

Giddens (2002), sob a dialética da cultura, economia e dimensões sociais, reflete sobre a identidade do corpo na modernidade, apontando trajetória que inclui controle do corpo e da mente, como resultado da necessidade de constituir um modelo de aceitação. Nesse cenário, livros de auto-ajuda desempenham papel importante na busca por padrões ideais de corpo, sob o crescente consumo desse tipo de literatura, bem como altos índices de incidência de anorexia em adolescentes, evidenciando essas novas referências normativas. Explica também que a globalização impõe ao indivíduo perturbações e ansiedades generalizadas, que exigem a criação de formas de identidade para lidar com essas novas perspectivas.

A questão da aparência corporal é explorada por Courtine (1995, p. 97) como uma verdadeira paixão americana pelo corpo, que descreve uma metamorfose expressa nos `body-building´, onde “[...] o músculo é um rótulo de vigor e de saúde, isto é, de força moral [...]”, ou seja, um corpo, totalmente, construído e vestido no volume e nos contornos musculares. Portanto, o excesso de vaidade estaria relacionado aos benefícios que a beleza pode proporcionar, como ser olhado e admirado. Goldenberg e Ramos (2002, p.21) atribuem o excesso de significado que a aparência tem na revelação de identidades, no sentido deste corpo ser utilizado “[...] como um meio de expressão do eu [...]”. Os autores mencionam esta cobrança relacionada a um contexto social e histórico instável, visto que instituições como família, igreja, trabalho, que ofereciam uma base para a formação do indivíduo, se encontram enfraquecidas. Assim, busca-se outros alicerces, sendo a aparência física entendida como uma expressão de identidade.

As formas corporais e a saúde se impõem como preocupação e induzem a outro tipo de relação com si mesmo, uma fidelidade a uma autoridade difusa, porém eficaz, afirma Breton (2002). Os valores primordiais da modernidade, os que a publicidade comunica, são direcionados para a saúde, juventude, sedução, suavidade e higiene. Tais atributos modernos, valorizam qualidades vinculadas com a condição física. O autor argumenta que dificilmente o homem possui esse corpo, responde a esse padrão, assim

se explica o êxito das práticas para exercitar o corpo (ginásticas) ou o êxito de cirurgias estéticas ou reparadoras, para dar formas e curvas mais delgadas.

O culto à beleza é descrito por Sant'Anna (1995), como um importante instrumento moral, ético e cultural que são expressos em modelos a serem seguidos. Assim, condutas de saúde designa a auto-culpa pelo seu fracasso e sua manutenção, ou seja, a falta de beleza é tida como uma doença. Portanto, feiúra se associa à degeneração da raça, fruto de uma vida doente, sem cuidados e vaidades. Segundo a autora, instaura-se uma nova consciência corporal, regida por um sistema padronizado, que necessita de consumidores. E neste processo, a beleza da mulher é essencial. O que se percebe é que isto vai interferindo no nível de saúde mental da pessoa.

Com base nos pressupostos apresentados por Sant'Anna, Del Priore (2000) reforça que na nossa cultura o belo se associa a juventude e saúde e o velho, a doença, a pessoa que não se cuida diariamente, ressaltando que os avanços científicos e médicos no processo da longevidade, está se tornando um problema, já que pessoas idosas tendem a ficar cada vez mais dentro de casa, pois velho ou gordo não são aceitos socialmente, são ridicularizados, considerados uma vergonha, associados a feiúra e sem cuidados consigo, sem amor próprio. Ela diz que os anúncios de revistas exploram a imagem da mulher magra como sendo possuidora de virtudes, independência, beleza e saúde. E sinaliza sobre os meios de comunicação em geral, afirmando sobre suas interferências em nossas ações, nos nossos comportamentos, na maneira de vestir, usar o nosso dinheiro, sentir bela e amada ou feia e ridícula, conseguir bons empregos e se relacionar com os nossos pares.

A importância social atribuída a valores voltados para a estética, também é discutida por Heilborn (2006, p. 47) ao referir-se aos danos que a falta de beleza pode proporcionar na forma de expressão da sexualidade. A autora descreve que existe “[...] uma apreciação social dos corpos que intervém diretamente sobre as oportunidades relativas ao exercício da sexualidade, tais como a atração exercida sobre outras pessoas, a qual possibilita obter parceiros”. A associação de beleza e mulher é uma constante histórica, como se beleza fosse a essência definidora das mulheres. Desde pequenas interiorizam a necessidade de ser belas, até o ponto que sua identidade como mulher depende do grau de beleza reconhecido.

Vázquez (1994) afirma que não podemos negar o valor da beleza, mas atualmente há tido uma valorização maior que nunca. Ela acredita que houve uma democratização da beleza e que essa se impõe para toda população feminina sem diferenças de classe social, inclusive sem diferença de idade. No momento, a aparência física se apresenta como um valor de câmbio. Antes a beleza era utilizada como instrumento de sedução para o matrimônio, hoje ela se amplia ao mercado laboral. E continua, no princípio seria um novo recurso, mas se converteu em uma armação perigosa, devido o número de conflitos que ocasiona na mulher. Essa insatisfação as levam a aderir a dietas, exercícios físicos ou técnicas cirúrgicas. Tal código de beleza feminina que se associa a juventude e formas rígidas não permite as mesmas envelhecer, assim datas de aniversário só são permitidas enquanto prevalecer magras e atrativas. E, resume, as mulheres tem conquistado tantos espaços, por outro lado tem aumentado sua dependência em outros campos, como a responsabilidade de estar sempre em forma e atrativa. A pressão social se faz tão forte, que ao não cumprir com os ideais estéticos se converte em culpabilidade, entendendo como falta de esforço e controle pessoal (VÁZQUEZ, 2001).

A auto-disciplina relacionada a uma dependência da forma física idealizada, gera um policiamento constante, sendo tema de discussão de uma cultura corporal, com



normas rígidas, sob uma forte contribuição dos meios de comunicação, que introduz e reforça imagens de rostos e corpos perfeitos (GOLDENBERG; RAMOS, 2002).

A literatura mostra a cobrança pessoal e social por um determinado padrão de beleza, bem como as linguagens que ele representa. Assim, não estar de acordo com os padrões, ou seja, não ter as medidas e curvas corporais estipuladas, pode desencadear incômodos, tanto para quem se encontra fora deste perfil ideal, como para quem o visualiza. No entanto, uma cultura centrada na supervalorização corporal, muitas vezes, não se preocupa com outros elementos fundamentais para o convívio humano, como o respeito, a amizade, o companheirismo, o cuidado com o outro, a afetividade.

Portanto, embora a literatura nos revele estes referenciais, faz-se necessário analisar a visão deste quadro de forma a instigar os jovens a verem diferente este panorama, transformando a sua própria realidade para lidar melhor com a sua corporeidade. E é pensando assim, que estamos investindo nossos estudos com escolares de aproximadamente 13/17 anos, idade propícia para a orientação, bem como professores e gestores educacionais.

Identities e códigos impressos no corpo da brasileira

Ao contextualizar a história e descrever sobre os significados e alterações que a cultura engendra no corpo, Louro (2001) traz uma citação de Weeks para reforçar a pluralidade da cultura corporal no transcorrer dos tempos, que segundo ele sofre modificações com a “[...] passagem do tempo, com a doença, com mudanças de hábitos alimentares e de vida, com possibilidades distintas de prazer ou com novas formas de intervenção médica e tecnológica”(WEEKS, 1995 apud LOURO, 2001, p. 14). Sob o viés de uma identidade de gênero plural, a autora menciona que o cultivo de uma categoria hegemônica é investida, em um modelo heterossexual, por instituições e práticas políticas intencionais aplicados pela igreja, família, escola, mídia, leis, que tentam demarcar e construir uma identidade sexual única.

A estudiosa ainda traz elementos importantes de análise sobre o conceito, pois partindo do pressuposto da pluralidade e da transição coloca os sujeitos em um plano ativo de participação e construção de sua identidade, o que significa dizer que compreende “[...] os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem até mesmo ser contraditórias” (LOURO, 1997, p. 24-26), de forma que eles se “[...] identifiquem, social e historicamente, como masculinos ou femininos [...]”. E, finaliza, descrevendo que o fato de ser passíveis de transformação possibilita as próprias teorias feministas construir novos conceitos de gênero.

A beleza atrelada a padrões sociais traz uma interessante perspectiva de gênero associada à inteligência feminina, Borges (2005) apresenta um vasto referencial teórico que contextualiza a idéia de beleza como sendo a maior razão de atratividade de uma mulher para um homem, sendo a inteligência vista de forma negativa ou indiferente. Ela afirma que “[...] poder e inteligência são atributos eróticos masculinos, e beleza e juventude atributos eróticos femininos”. (BORGES, 2005, p. 669). E que existem teses que confirmam a preferência dos homens por mulheres mais bonitas, o que independe da sua condição financeira, fator que muda para as mulheres, que preferem homens com *status*, poder e dinheiro. Além disso, expõe que a simetria, os traços harmônicos, garantem uma melhor prole, segundo conceitos fundamentados na biologia evolucionista. Corroborando com tal idéia, Queiroz e Otta (2000) também relatam a importância da simetria para a figura feminina como fator de sedução, sendo o sorriso um complemento para contribuir no processo de exibição. Borges entende que a deserotização da inteligência feminina tenha razões culturais, afirmando que, no campo

do trabalho, a mulher tem que ser persistente, batalhadora e guerreira, mas tais atributos seriam entendidos como insistentes e sufocantes em sua relação ao sexo oposto. No território do desejo, a mulher deve tornar-se passiva, para estimular o desejo masculino, já que feminilidade é entendida como postura passiva, conclui Borges.

Reforçando o processo socializador hegemônico, Ribeiro (2006) direciona seu olhar para os contextos familiares e explica que muitas mulheres são carregadas para o universo doméstico e da reprodução por falta de opções no mercado de trabalho, baixa escolaridade e quase nenhuma qualificação como mão-de-obra. A autora detecta em sua pesquisa, realizada em uma comunidade praiana da Bahia, valores tradicionais dominando, de prevalência masculina no meio público e feminina no meio doméstico, sendo a sexualidade permitida e vivenciada de forma intensa entre os homens e para as mulheres uma visível negação de seu corpo e de sua sexualidade, sendo essa entendida como própria do universo masculino.

Ribeiro apresenta em sua discussão os estímulos sociais dados de forma diferenciada para cada gênero, de tal modo que os meninos são instigados a darem demonstrações constantes de virilidade, fazendo uso de seu corpo e da sua sexualidade. Assim, a idéia de masculinidade se associa à bravura, força física, agressividade, esperteza, interesse pelas mulheres, ausência de sentimentos. As meninas ensinadas a desempenhar trabalhos domésticos, entendidos como espaço de domínio feminino, também são educadas para negar a sua sexualidade e o seu corpo. Elas mesmas vigiam suas colegas e censuram comportamentos considerados obscenos. Nos contextos descritos pela autora, os papéis delineados para cada sexo está bem definido, entendendo a sexualidade como inadequada para as meninas, por ser algo sujo e imoral, próprio do domínio masculino. Como afirma Ribeiro (2006, p. 168):

[...] a sexualidade estaria relacionada a algo sujo, imoral, indecente, obsceno, e próprio do masculino, enquanto as meninas representariam a inocência e ingenuidade (...) ser homem e ser mulher está relacionado não somente com o aparato anatômico-fisiológico, mas com concepções sociais, muitas aprendidas na família e nos sistemas de relações em que vivem (...) envolvem atributos sociais e simbólicos, como poder fazer certas coisas, exercer legitimamente a sexualidade, assumir comportamentos dentro de uma determinada ordem.

A autora, contudo, questiona o modelo hegemônico patriarcal, de dominação masculina, como sendo o de maior representação em estudos de gênero e sexualidade no Brasil, visto os diferentes arranjos que se estabelecem em cada comunidade, problematizando que tais questões não podem ser trabalhadas como se fossem fenômenos estanques, fixos e estáveis.

As representações da sexualidade e gênero podem se manifestar em diferentes contextos e sob diversas formas. As influências histórico-culturais não podem ser negligenciadas uma vez incorporadas e reestruturadas nos vários âmbitos: familiar, educativo, social, como mostram os estudos. Contudo, consideramos importante analisar com mais cuidado tais temáticas, de forma a não generalizar, sempre concedendo à mulher uma figura passiva e submissa ao homem, mas sob a perspectiva que também identifica transformações, mobilidade e instabilidade nas relações, vislumbrando assim a mulher como agente pensante e transformador.

## Resultados Esperados

Esta pesquisa visa:

- Realizar um amplo diagnóstico da existência e do trato pedagógico das questões de corpo, gênero feminino e sexualidade, nas cercanias da grande Goiânia/GO, e do ciclo II ou ensino fundamental nas periferias da cidade de Goiânia, possibilitando comparar com outras pesquisas já desenvolvidas por grupos de pesquisa e no interior da rede cedes, do ministério do esporte;

- Gerar conhecimento e práticas educativas que subsidiem a formação inicial e continuada em educação voltada para uma atuação consciente, crítica e competente em termos de corporeidade, igualdade de gênero, sexualidade e formação humana, culminando com oficinas que serão elaboradas pelos próprios gestores e educadores em foco;

- Propor ações e políticas públicas e setoriais para a região de Goiânia e Estado de Goiás, visando contribuir com o fortalecimento de políticas para mulheres alicerçadas em uma formação humana que se encaminhe para a emancipação, a igualdade e solidariedade.

Enfim, pesquisar e intervir em tais contextos traz uma lembrança do verso de Nascimento e Brant (1986), parafraseando com a idéia transmitida, “[...] de uma gente que ri quando deve chorar e não vive, apenas agüenta [...] mas é preciso ter força [...] é preciso ter garra, é preciso ter sonho, sempre [...]”. A canção “Maria, Maria” abre o pensamento deste estudo, cujo objetivo é oferecer instrumentos educativos para reflexão, conscientização e mudança de comportamento, incentivando espaços competentes de diálogo, em uma clientela carente de sonho e oportunidades sociais.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, P. Pesquisa em Ciências Sociais. In: HIRANO, S. (Org.). Pesquisa Social: projeto e planejamento. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979, p. 21-88.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Apresentação dos Temas Transversais - Brasília: MEC/SEF, 1998, 446 p.

BRETON, D. Antropologia del cuerpo y modernidad. 1 ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002, 256 p.

BORGES, M. L. Gênero e desejo: a inteligência estraga a mulher?. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 667-676, set./dez., 2005.

BOURDIEU, P. La distinción: criterio y bases sociales del gusto. Madrid, 1988, 597 p.

COURTINE, J.J. Os Stakanovistas do Narcisismo. In: SANT’ANNA, D. B. de. Políticas do Corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 81-114.

DEL PRIORE, M.. Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Editora SENAC, 2000, 108 p.

FEATHERSTONE, M. A globalização da complexidade: pós-modernismo e cultura de consumo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 32, ano II, p. 105-124, out., 1996.

FIATES, G.M.R.; SALLES, R. K. Fatores de risco para o desenvolvimento de distúrbios alimentares: um estudo em universitárias. *Revista Nutrição*, Supl. 14, p. 3-6, 2001.

FREIRE, P. *Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. Trad. Kátia Silva. São Paulo: Moraes, 1980.

GADOTI, Moacir. *Pedagogia da práxis*. 2 ed. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2002, 233 p.

\_\_\_\_\_. *La transformación de la intimidad: sexualidad, amor y erotismo en las sociedades modernas*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.

GOLDENBERG, M.; RAMOS, M. S. A civilização das formas: O corpo como valor. In: \_\_\_\_\_. *Nu & Vestido: Dez Antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 19-40.

HEILBORN, M. L. Entre as tramas da sexualidade brasileira. *Estudos Feministas*, Florianópolis, n.14, v. 1, p. 43-59, jan./abril, 2006.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MINAYO, M. C. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em Saúde*. 8ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro. HUNITEC/ABRASCO, 2004.

MIÑANO, M. J. C. *Imagen Corporal y Práctica de Actividad Físico-Deportiva en la Adolescencia*. 2005. Tesis (Doctoral apresentada en la Facultad de Educación-Departamento de Expresión Musical y Corporal) - Universidad Complutense de Madrid, Madrid 2005.

NICOLINO, A. S. *Novas e velhas configurações da sexualidade e do corpo feminino: pesquisa-ação na educação com escolares*. 2007. 211 f. Tese (Doutorado) – Programa de Psiquiatria de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2007.

QUEIROZ, R. S.; OTTA, E. A beleza em foco: condicionantes culturais e psicobiológicos na definição da estética corporal. In: QUEIROZ, R. S.(org.). *O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza*. São Paulo: SENAC, 2000, p. 13-66.

RIBEIRO, J. S. B. *Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças*. *Cadernos Pagu*, n. 26, jan./jun., p. 145-168, 2006.



RUDIO, F.V. Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica. 2 ed.. Petrópolis: Vozes, 1978.

SANT'ANNA, D. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: \_\_\_\_\_. Políticas do Corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 121-140.

SILVA, A. M. Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade. Campinas/SP: Editora da UFSC, 2001.

SOARES, C. L. Entre o humano e o andróide. 2001. Disponível em <[http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/abril2001/pag17abril2001.htm](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/abril2001/pag17abril2001.htm)>. Acesso em 23 de março de 2007.

THIOLLENT, M. Metodologia da Pesquisa-Ação. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

VÁZQUEZ, B. Diferentes concepciones del cuerpo. En la enseñanza de la Educación Física. IV JORNADA INTERNACIONAL DE COEDUCACIÓN. Anais. Valencia: Universidad de Valencia, p. 289-296, outubro, 1994.

\_\_\_\_\_. Nuevos retos para el deporte y las mujeres en el siglo XXI. In: CONGRESO MUJER Y DEPORTE. Ponencia Inaugural. Bilbao, 26 de noviembre, 2001.

VILLELA, W. V.; ARILHA, M. Sexualidade, Gênero e Direitos Sexuais e Reprodutivos. In: BERQUA, E. (org.). Sexo & Vida: panorama da saúde reprodutiva no Brasil. Campinas, Ed. Unicamp, 2003, p. 95-150.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO G. L.(org). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.35-82.

Projeto Financiado pelo CNPq, edital n° 57-2008

*Professora da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás.  
Endereço: Rodovia Nerópolis-Goiânia, Km 12, Campus Samambaia, Faculdade de Educação Física - FEF/UFG. Cep: 74001-970, Fone:62-35211141*

*Email: [aline.nicolino@gmail.com](mailto:aline.nicolino@gmail.com)*

*Apoio Financeiro: CNPq, edital n° 57-2008.*

*Recurso: Data-show/Retroprojektor multimídia*